

NEVER MORE

Pseudônimo: ALICE

Rita Espescht

FAFICH - Comunicação Social

É assim: como se você pudesse ver o mar pela primeira vez outra vez. Aquele tamanho megalômano do mar, olhos arregalados, o pulmão em dúvida sobre o momento exato de respirar. Só que desta vez é um oceano todo branco e macio, nem Atlântico, nem Pacífico, nem nada. E tudo isto pelo preço de apenas uma passagem VARIG Belo Horizonte-Rio, Boeing 727.

Do mar retilíneo de nuvens, às vezes emergia um iceberg vaporoso. Mais adiante, cumes, nimbos e outros nomes decorados na escola desfilavam pelo caminho, saudando com intimidade os aeronautas.

Alice tinha três opções: a) continuava com o rosto estupefato colado na janelinha, devorando cada milímetro de nuvem e ar com os olhos; b) consumia objetos mais sólidos, como por exemplo a bandeja de frios que seu vizinho de poltrona acabava de receber; e c) pensava na vida, em particular na sua própria, e ficava imensamente triste quando se lembrasse outra vez que estava indo para o Rio de Janeiro fazer um aborto. Acabou escolhendo a alternativa letra b, convencida pelo argumento final dos fios de ovos sobre as fatias de pernil.

Beatriz estava esperando no aeroporto.

— Foi boa a viagem?

— Não. Rápida demais! Não dá tempo nem de você se convencer de que está viajando, e logo vem a aerovoz da moça mandando descer!

A amiga ficou mais tranqüila. Até que o jeitão de Alice não estava dos mais trágicos.

— Vamos, então?

Foram. Direto para a rua Dona Mariana, sob o olhar malicioso do chofer de táxi. Alice ia caladinha, abraçada na bolsa, olhando de novo pela janela e pensando: o crápula deve estar dormindo e sonhando com anjinhos a esta hora. Depois vai se levantar, chegar atrasado à aula, almoçar, discutir política, tomar café. E não vai saber dessa história nunca.

O carro entrou em Botafogo, passou por um cemitério, virou à esquerda e parou em frente à clínica. Lá dentro, uma sala imensa, cheia de fumaça de cigarros e mulheres nervosas sentadas, pernas elegantemente cruzadas, conversando assuntos triviais.

— Nome?

— Alice Goulart.

— Idade?

— Dezenove.

— Profissão?

— Estudante.

— Filiação?

Quase respondeu que andava apoiando era o partido comunista, mas que filiada, mesmo, ainda não estava. A expressão sisuda da recepcionista fez com que mudasse de idéia.

— Pode aguardar até o seu número ser chamado.

Não se tinha muito o que fazer enquanto esperavam. Ler a revista «Manchete» não era exatamente uma boa idéia.



— Bia...

— Oi?

— Você entra lá comigo?

— Vamos ver se eles deixam, né? Eu posso falar que sou estudante de medicina...

«Lá», era a porta que ia engolindo todas as mulheres que tivessem seus números lidos em voz alta pela recepcionista. Não saía ninguém: a porta tinha mão única, e uma severa inspetora de trânsito controlava cada veículo, cobrando a senha de entrada em algarismos arábicos. O número 37, por exemplo, era uma vemaguete tímida, de óculos e saia amarela. O 38 uma Belina emproada, se equilibrando sobre dois saltos gigantesco. O seguinte, uma kombi colossal, pesada em arroubas e medida em milhas, os dois olhinhos miúdos afundados na vastidão do rosto. O número 40 era Alice.

Beatriz, é claro, não podia entrar. Do lado de «lá» as cadeiras já não eram estofadas — eram bancos de madeira. O chão sem carpete. E as mulheres no corredor, sem a arrogância da sala grande. Alice ficou com pena da gorda de rímel, da míope, da bem vestida, da linda-loura-exuberante, de si mesma. Sentiu pena do mundo inteiro enquanto vestia o avental verde-cirúrgico, enquanto se deitava na maca, enquanto olhava o médico acertar em cheio sua veia braquial, sentiu um extremo, imenso e incontível medo enquanto obedecia o médico após a injeção do anestésico e dizia:

— Dez, nove, oito, sete...

Não foram logo para a casa de Beatriz. Alice falou que queria ir à praia, qualquer praia, para olhar o mar. Beatriz ficou sentada no banco, no calçadão. A praia estava vazia. Ventava muito. Alice olhou, olhou, durante muito tempo. Depois escreveu na areia, lembrando de um poeta Chacal, corvo de boca roxa e nariz aniz: «NÃO FAÇO ISSO NEVER MORE». Tão bonito, o mar de Ipanema.